

MULTIMODALIDADE, LEITURA EM *TABLETS* E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Acir Mário KARWOSKI

Laboratório de Estudos de Leitura, Fala e Escrita – LABELFE

Departamento de Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

E-mail: acirmario@letras.uftm.edu.br

RESUMO: Como reage o leitor diante de textos multimodais com palavras, imagens, cores, sons, movimentos e apelos sensoriais diversificados e muitas vezes inusitados que configuram os gêneros multimodais especialmente em *tablets*? Esse e outros questionamentos fazem parte de um projeto no qual buscamos estudar as atitudes, estratégias, procedimentos e motivações de uma estudante nascida na década de 60 do século passado - geração de famílias sem nenhum contato com computador nem *internet* - até sua entrada no curso de Letras em uma universidade pública em 2009. A inserção nas redes sociais, a leitura em ambiente virtual, o domínio das ferramentas tecnológicas apontam para a definição de um perfil de usuário com pleno domínio de habilidades antigamente não exigidas para a prática da leitura em suporte papel.

Palavras-chave: Letramentos. Multimodalidade. Leitura. *Tablets*.

1. Considerações iniciais

Na dimensão dialógica de linguagem, o processo de interação do leitor com as configurações multissemióticas dos gêneros digitais exige, além de domesticação com as novas ferramentas tecnológicas, novas habilidades de leitura e estratégias diversificadas de processamento e de compreensão. Em razão de viver em uma geração tecnologicada e na sociedade multiletrada, todos os sujeitos sociais de alguma forma são afetados pela escrita e por outras formas de linguagens - tais como imagens, sons, movimentos - de diversas maneiras e em diversos momentos. Evidencia-se a interação do leitor com diversos textos multimodais. Basta observar a quantidade de textos que surgem à nossa vista no trajeto da casa ao trabalho. A abundância de *outdoors* eletrônicos e, mais recentemente, aparelhos celulares e *tablets* - que permitem acesso ao mundo digital - evidencia a grandeza tecnológica na qual as pessoas, até mesmo analfabetas, mantêm contatos com diversos gêneros textuais, escritos e orais.

As práticas sociais de uso da linguagem possibilitam a produção de sentidos, isto é, trocas de forças entre os interlocutores, uma arena de lutas ideológicas daqueles que, pela interação verbal, procuram recuperar os significados que se encontram acumulados no discurso produzido a partir do contexto histórico, social e cultural nos quais, enquanto sujeitos sociais, estão dialogicamente constituídos.

A leitura, sendo ato de negociação de sentidos, em muito contribui para a formação e manutenção do nível cultural do leitor e deste na sua interação com os que o cercam, na busca da identidade social, tão indispensável nos dias atuais. Já diz o ditado: quanto mais leitura, mais se apreende o mundo. E daí, é um passo a formação crítica.

Torna-se necessário e relevante ampliar a discussão acerca do papel do professor em aulas de leitura incluindo questões relacionadas a gêneros digitais e as tecnologias educacionais no contexto das salas de aula. Se o sentido do texto é construído na

compreensão responsiva, num processo dialógico, as aulas de leitura devem oportunizar diversos momentos de interação, diálogo constante, ocasiões que são fundamentais e constitutivas da interação verbal. As atividades de sala de aula tornam-se mais interativas, de confrontos de saberes e conhecimentos acumulados socialmente, e não meras atividades cristalizadas de subordinação ao texto didático e ou provocadoras do silenciamento das vozes dos alunos.

Inserir os estudantes no mundo digital, permitindo-lhes acesso a informações em diversos “depósitos de dados”, como por exemplo o *Google*, a interação em sala de aula pode vir a se dar de maneira mais significativa ao estudante, acostumado a manter contatos nas redes sociais fora da escola (muitas vezes dentro da própria escola, mas camuflado!).

Portanto, se utilizar texto impresso ou permitindo acesso a (hiper)textos em ambiente digital, a parceria ou cooperação visando a um objetivo de ensino e de aprendizagem bem como o diálogo entre professor e estudantes permite a reflexão, a confrontação de visões de mundo e a conscientização do estudante em sua missão.

Muitas escolas deixam de fomentar o uso de tecnologias por desconfiar da autonomia intelectual e da conscientização pessoal do estudante quando se conecta à rede mundial para realizar uma pesquisa mesmo que visando aprendizagem. “Pensando no que o diálogo representa para a formação do indivíduo, que se constrói na relação dialógica com o outro, o uso do mesmo [o diálogo] como ferramenta metodológico é essencial para aprendizagem e para as relações de ensino.” (ZUIN & REYES, 2011, p. 118-119).

Além de dominar os conteúdos e sistematização do saber científico visando facilitar a aprendizagem, mediante a utilização de textos diversificados, o professor como mediador do processo de interação deve permitir a troca de experiências por meio das múltiplas linguagens, não apenas a escrita. Nesse cenário, surgem os textos multimodais e as tecnologias voltadas ao ensino. “Se a invenção do livro [impresso, ou livro didático] encontrou suas acomodações na história da relação entre o leitor e o objeto de leitura, a tela também está a caminho de encontrar suas formas mais eficientes e confortáveis, embora a busca pelo objeto portátil continue...” (RIBEIRO, 2007, p. 138)

Entendemos por texto hipermultimodal o evento em que convergem palavras, imagens, sons, movimentos, sinestésias variadas exclusivamente no ambiente digital, como em *tablets*, por exemplo. Há diferenças significativas quanto aos procedimentos e estratégias para leitura de uma revista em ambiente digital (tela de computador ou *notebook*) e em *tablets*. A produção gráfica, diagramação, design e criatividade nos aplicativos dos *tablets* trazem ao leitor um novo mundo, muitas vezes inimaginável. Muitos livros digitais, disponíveis para *tablets*, apresentam numa mesma tela palavras, imagens, movimentos, personagens e/ou autores interagindo com o leitor.

Segundo Carr (2011), será possível, em breve, maior e melhor interatividade nos livros eletrônicos. Será possível, por exemplo, deixar uma nota ou anotação de leitura para que o autor da obra possa visualizar e comentar, interagindo com seus leitores. Certamente em poucos anos a leitura em ambiente digital será ainda mais interativa. Observemos, por exemplo, como os canais por assinatura exibem na tela diversas informações ao mesmo tempo. Nascidos na geração *boomer* certamente tem dificuldades em acompanhar todas as informações disponibilizadas ao mesmo tempo na tela.

Os estudantes da geração *z* enxergam o mundo de formas diferentes e demonstram interesse e curiosidade por novas aprendizagens em ambientes das telas.

Nascidos na era da infotecnologia, apresentam-se mais criativos, inovadores e colaborativos. No entanto,

as demandas da pós-modernidade exigem mais do que simplesmente decodificar signos linguísticos: é preciso se apropriar de práticas sociais de escrita e de leitura que atualmente envolvem uma multiplicidade de gêneros textuais sempre, cada vez mais, variados e complexos. Além disso, a capacidade de se transitar entre os diferentes gêneros e linguagens, tanto como leitor como produtor, confere potencialidade maior de construção de sentidos e, conseqüentemente, de assunção de um lugar na cultura letrada. Letramento, pois, é a perspectiva de integração intensa e sistemática em determinados aspectos culturais fundamentais nesse tipo de sociedade em que o domínio da leitura e da escrita e de outras práticas letradas é um pressuposto para o amadurecimento discursivo individual necessário e valorizado nos tempos de hoje. (CASSANO, 2011, p. 51),

O letramento digital, portanto, é necessário para o exercício pleno da cidadania e, em sala de aula, como nova ferramenta para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. A inserção nas redes sociais; a leitura em ambiente digital; o domínio das ferramentas tecnológicas e outras questões essenciais da era digital apontam para a definição de um perfil de usuário com pleno domínio de habilidades antigamente não exigidas para a prática da leitura em suporte papel. No entanto, a leitura continua sendo “uma atividade dinâmica, em constante evolução; as maneiras de ler, de compreender, de interpretar, variam segundo as aptidões e os investimentos individuais.” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, 144).

O professor mediador utilizará as estratégias para estimular a leitura e constante busca de novos sentidos para os textos. Segundo SANTOS, RICHE e TEIXEIRA (2012, p.48-50),

essa curiosidade, essa busca por construir o sentido, pela compreensão, acompanha-nos diante de qualquer texto, oral ou escrito, e pode ser trabalhada em sala de aula. (...) Esse trabalho pode ser realizado por meio de projetos de leitura, que podem incluir atividades envolvendo todo o entorno da escola, para melhor integração entre alunos e sua comunidade.

Destacamos algumas críticas apontadas por Carr (2011) quanto à geração superficial e o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Defendemos, no entanto, que a inserção das novas tecnologias nos espaços escolares e a oportunidade de o professor desenvolver atividades diversificadas com suportes tecnológicos tornam-se estímulos para a leitura em ambiente digital, especialmente em *tablets*; é uma importante estratégia para o ensino de língua portuguesa mais atraente e (atualizado).

O autor defende a importância da leitura profunda contida nas páginas dos livros impressos. “Uma longa sequência de páginas reunidas dentro de duas capas duras

revelou ser uma tecnologia extraordinariamente robusta, permanecendo útil e popular por mais de meio milênio.” (CARR, 2011, p. 141)

Segundo o autor, “tão logo injetamos em um livro links e o conectamos à web – tão logo o ‘estendemos’ e o ‘intensificamos’ e o tornamos mais ‘dinâmico’ – mudamos o que ele é e também mudamos a experiência de lê-lo. Um *e-book* não é um livro, da mesma forma que um jornal on-line não é um jornal.” (CARR, 2011, p. 146).

Pautando-se na importância das telas para viver em rede no mundo digital, Powers (2012, p. 71) afirma que a “tela é, de longe, o melhor lugar para divulgar uma mensagem hoje em dia e não há nada de errado nisso. Se a mensagem é que as pessoas estão passando dos limites com as telas, então é preciso estar lá, pois é lá que estão os mais atingidos pelo problema.”

É preciso criar ferramentas que ajudem a melhorar e transformar a vida das pessoas, uma nova tecnologia do eu para o mundo digital, pois as telas estão no coração da vida profissional e pessoal da maioria das pessoas; afastar-se delas, mesmo que durante metade do dia, significa ficar para trás em todos os aspectos, afirma o autor.

O mais importante, segundo Powers (2012), é a necessidade de encontrar um equilíbrio saudável entre conexão e desconexão, entre público e privado, entre a vida exterior e a vida interior. Cada leitor está desafiado a responder e pensar a respeito para viver bem na era digital. Uma teoria da leitura começa a se vislumbrar nos estudos a respeito do funcionamento íntimo das operações mentais.

De todas as pesquisas emerge uma nova esperança: a de ver aparecer uma neurociência verdadeira da educação, na fronteira entre a psicologia e a medicina, capaz de explorar as novas imagens do cérebro a fim de atingir o ótimo nas estratégias de ensino e de adaptá-las a cada cérebro de criança ou adulto. (DEHAENE, 2012, p. 17)

Alguns questionamentos tornam-se necessários: o leitor utiliza os mesmos procedimentos para leitura em ambiente digital na internet e em *tablets*? O que muda nessa interação leitor e suporte digital? Há maior interação e motivação para a leitura? Quais as principais diferenças no ato de ler diante de um computador (*desktop* ou *laptop*) e em *tablets*? Como reage o leitor diante de textos multimodais com palavras, imagens, cores, sons, movimentos e apelos sensoriais diversificados e muitas vezes inusitados que configuram os gêneros multimodais, especialmente em *tablets*?

Respostas para esses questionamentos não surgem rapidamente. Se inserirmos a discussão no contexto dos letramentos digitais, ou dos novos letramentos, abre-se a possibilidade de transformações (inovações, aberturas de sentido, instabilidades estruturais) que projetos ou políticas educacionais e de inclusão social (digital) “deveriam aproveitar, ou ao menos não ignorar.” (BUZATO, 2010, p.54)

Os professores não precisam temer que estão prestes a perder a autoridade pedagógica diante da tela (do computador, do notebook, do *tablet* ou do *smartphone*). É significativo e relevante associar uma boa metodologia de ensino às tecnologias educacionais visando à aprendizagem dos estudantes de maneira inovadora. A inserção no mundo digital desperta nos estudantes a busca autônoma de informações e dados para a construção de aprendizagens. “Assim como pensamos e nos comportamos de modo diferente em diferentes ambientações, pensamos e nos comportamos de modo diferente quando operamos tecnologias diferentes.” (RUSHKOFF, 2012, p. 11)

2. Inclusão digital e novos letramentos

Apresentamos a seguir o relato de uma estudante do curso de Letras de uma universidade pública em Minas Gerais - MG.

Tenho cinquenta anos e entrei na universidade aos quarenta e oito anos, em plena era digital. O que para mim foi um grande desafio, pois nem se quer sabia ligar um computador. Quando os professores requisitavam um trabalho que dependesse das novas tecnologias digitais entrava em pânico e contava com a ajuda de uma amiga de curso, que um dia me disse com toda sinceridade: “Você precisa adquirir autonomia para realizar seus trabalhos acadêmicos, no que depender do uso da internet, pois não é possível estar em uma universidade sem pelo menos um pouco de habilidade neste quesito”. Vi-me em meio a uma missão impossível, pois na minha casa nem internet tinha, meus filhos frequentavam uma lanhouse. Foi neste momento que comecei a frequentar a lanhouse, junto com os meus filhos. E fazendo uma pergunta aqui e ali, fui conseguindo captar o básico, dos básicos, para poder acessar e pesquisar, mas não era só isso, precisava aprender também as regras da ABNT para digitar os textos acadêmicos. A digitação não foi tão difícil, pois há anos atrás se fazia o curso de datilografia e eu havia feito um curso. E as regras da ABNT, cada dia se aprende um pouco, pois são muitas situações de escrita. Mas, o contato com o computador, não foi nada fácil, pois me sentia totalmente inabilitada para isso. E imaginava que poderia comprometer o funcionamento do aparelho, ao acessar errado algum site. E até hoje, mesmo estando em contato com este mundo digital, com a pouca habilidade que tenho, muitas vezes fico perdida diante da tela. Outra situação que me constrangia era acessar um caixa eletrônico, pois por muitas vezes não sabia lidar com a situação. Há bem pouco tempo o orientador de minha pesquisa, me emprestou um tablet para levar para casa. Eu peguei o tal aparelho com muito receio e confesso: tive vontade de devolver e dizer: não adianta eu levar professor, isso é muito complicado. Foi aí que ele me disse: leve para casa e o vire do avesso. Essas palavras me deram coragem e decidi por levar. Mas, pessoalmente achei mais complicado do que o computador, afinal um aparelho cheio de janelas, se é que assim que são chamadas e um simples toque digital te conecta à revistas, livros, redes sociais e tantas outras modalidades. O tablet foi usado também por minha filha e percebi a grande diferença de postura de um nativo digital, perante as novas tecnologias e a postura de um imigrante digital que neste caso sou (eu) no contato com o mundo virtual. Percebi que, o desempenho dela diante do aparelho, me superou muito, pois em pouco tempo ela passou por todos os programas à disposição, sem a mínima apreensão e dificuldade. No meu caso, acessei, mas com receio e as atividades foram poucas. Porém, sinto

que, se não tivesse sido incentivada e não tivesse enfrentado o medo, hoje não estaria mais na universidade, pois estamos na era digital e por mais que as nossas habilidades, para o uso dos computadores, tablets, celulares não estejam desenvolvidas é preciso nos atentarmos para esta nova realidade e entrar em contato sim, com esta era digital, para não ficarmos marginalizados em relação ao conhecimento, a informação e também o contato com as pessoas através das redes sociais, que tem seus pontos negativos sim, mas nos dá possibilidades de comunicarmos com amigos e parentes distantes, até mesmo em outros países. Nessa minha experiência cheguei à conclusão de que todos nós somos capazes de aprender e nos incluímos a era digital. Para isso: sinto que temos que nos dar uma oportunidade e lutarmos contra nosso medo de errar, pois é errando que se aprende. Notei também que, o incentivo que damos às pessoas é fundamental para que elas tenham coragem de enfrentar seus receios em relação à inclusão digital. (M. C.V., 2012)

Não é possível acreditar que a tecnologia da conectividade deixará de afetar de alguma maneira as pessoas. Ao ingressar no ambiente universitário, a estudante confrontou-se com o discurso e a linguagem acadêmica que exigiram novas habilidades e práticas de leitura e de escrita diferentes. Não existem máquinas de escrever para datilografar textos. Exigiram-se para a estudante novas habilidades que ela não tinha, precisou contar com a temporária boa vontade de amigos; confrontou-se com a necessidade de dominar e praticar novos letramentos.

Letramentos acadêmicos diferentes para gerações diferentes que ingressam na educação superior. O desafio da superação, a ousadia, a perda do medo de errar movem a geração dos imigrantes da era digital. Os nativos digitais, que aos poucos passam a ser maioria nas salas de aula, desenvolvem habilidades de forma mais rápida e autônoma. Ao que nos parece: nascem preparados para utilizar as ferramentas tecnológicas em redes. O conflito de gerações é o grande desafio de muitas salas de aula.

Os problemas com equipamentos sucateados, dificuldades para acesso à rede da internet, resistências e despreparo de professores, dificuldades para manutenção de equipamentos dentre outros, são problemas comuns nas escolas, principalmente as públicas. Outros e novos desafios se apresentam para a escola que desejar promover a inclusão digital. *Tablets* tendem a ser incorporados nas práticas das salas de aula nos próximos anos. Ao menos é a intenção de muitos dirigentes educacionais e políticos no Brasil. Os professores precisam estar preparados para bem usá-los. Caso contrário, serão deixados de lado ou serão abandonados como outros equipamentos e computadores em muitas escolas.

3. Considerações finais

Se o professor assumir sua prática em sala de aula pautando-se na dimensão interacional e dialógica de linguagem, o ensino de língua portuguesa torna-se mais produtivo e relevante. Assim, o novo perfil do professor no século XXI é do professor-pesquisador que, com seus alunos, busca incessantemente novos conhecimentos. As tecnologias em rede mostram-se eficientes para esse desafio.

Como diz Carr (2011, p.304): “é difícil resistir às seduções da tecnologia, e na nossa era de informação instantânea, os benefícios da velocidade e da eficiência parecem ser genuínos, e seu desejo, indiscutível.” As escolas devem privilegiar em seus projetos pedagógicos a dimensão da cultura digital. Precisam incluir ou permitir a inclusão de seus estudantes na era digital. Não devem ficar alheias ou atrasadas em relação ao desenvolvimento tecnológico que move o mundo fora da escola. Se o professor utilizar as tecnologias de acesso à rede mundial de dados – internet - em sua prática educativa por meio da pesquisa orientada e planejada, a motivação dos estudantes tende a aumentar. Torna-se mais significativa a busca constante por informações e construção desafiadora de novas aprendizagens nos *hyperlinks* digitais.

Mas é preciso cautela ao professor e autonomia intelectual ao estudante quando navegarem pelas telas e textos hipermultimodais com vistas à construção de conhecimentos. “Essas práticas sociais de linguagem já possibilitam caracterizar a competência do professor para este século, na qual virá a ser a de mediador entre o aluno e a complexa rede, problematizando, desafiando e levando-o a pensar e produzir em colaboração.” (GOMEZ, 2010, p. 36)

Os questionamentos no campo dos novos letramentos continuam:

O seu tempo diante da tela o ajuda a pensar e a trabalhar melhor? Estreita os laços com seus amigos? Ajuda a encontrar aquele distanciamento e aquele espaço tão necessários? Suas explorações enriquecem sua compreensão do mundo? Você sai em estado de espírito melhor do que quando entrou? Essas questões são todas internas. E, quanto mais tempo gasto na multidão digital, mais difícil respondê-las afirmativamente. (POWERS, 2012, p. 120).

Resta-nos investir em futuras pesquisas a respeito de como a leitura na tela de um computador e a leitura na tela de um *tablet* desencadeiam novas práticas de leitura configurando o letramento digital, quais são as vantagens e desvantagens que o leitor encontra nos dois ambientes digitais e os possíveis impactos nos processos de compreensão e hábitos de leitura.

REFERÊNCIAS

BUZATO, M. Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. In: RIBEIRO, A. E. et al. (Orgs.) **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010, p. 53-63.

CARR, N. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASSANO, M.G. Letramentos literário e visual: a discursividade da imagem na interface com o texto verbal. In: SOUZA, T.C.C.; PEREIRA, R.C.(Org.) **Discurso e ensino**: reflexões sobre o verbal e o não verbal. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 51-68.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMEZ, M.V. **Cibercultura, formação e atuação docente em rede**: guia para professores. Brasília, DF: Liberlivro, 2010.

HORELLOU-LAFARGE, C.; SEGRÉ, M. **Sociologia da leitura**. Tradução Mauro Gama. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2010.

POWERS, W. **O BlackBerry de Hamlet**: filosofia prática para viver bem na era digital. São Paulo: Alaúde, 2012.

RIBEIRO, A.E. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A.E. (Org.) **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 125-150.

SANTOS, L.W.; RICHE, R.C.; TEIXEIRA, C.S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

RUSHKOFF, D. **As dez questões essenciais da era digital**. Tradução de Carlos Alberto Silva. São Paulo: Saraiva, 2012.

ZUIN, P.B.; REYES, C.R. **O ensino da língua materna**: dialogando com Vygotsky, Bakhtin e Freire. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.